
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

UMA ANÁLISE SOBRE AS ILUSTRAÇÕES E A TEMÁTICA DA MORTE EM *HARVEY: COMO ME TORNEI INVISÍVEL*

Daniela Maria Segabinazi¹ (UFPB)
e Jaine Sousa Barbosa² (UFPB)

RESUMO: A morte está presente nos textos literários destinados ao público infantil, e, embora a temática ainda seja considerada tabu para muitos, o número de obras que a utilizam como eixo central da narrativa vem crescendo ao longo dos anos, bem como cresce o número de obras ilustradas, sendo muitas delas compostas apenas por imagens. Nas páginas dos livros, a morte assume várias facetas, e na literatura para crianças isso não é diferente. Nessa relação entre texto e imagem que esse trabalho surgiu. Assim, analisamos como as ilustrações contribuem para a construção da representação da morte na obra *Harvey, como me tornei invisível*, de Hervé Bouchard e Janice Nadeau (2012), enfatizando não apenas a própria representação da morte criada a partir da narrativa, mas, especialmente, como as imagens atuam tanto na construção dos significados dos textos quanto nos desdobramentos de seus sentidos. Como aporte teórico, visitamos obras de autores consagrados tanto no âmbito da literatura infantil, quanto da temática da morte e da ilustração. Desses nomes, listamos Oliveira (2008), Abramovich (2008), Ramos e Nunes (2013), Paiva (2011), Lotterman (2009) e Aguiar (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Ilustração; Literatura Infantil.

AN ANALYSIS ABOUT THE ILLUSTRATIONS AND THE THEME OF DEATH IN *HARVEY: HOW I BECAME INVISIBLE*

ABSTRACT: Death is present in children's literary texts, and although it is still considered a taboo for many, the number of works that use it as the central axis of the narrative has grown through the years, as well as, the number of illustrated books and the well-known picture books grow. On book pages, death takes on many faces, and in children's literature, this is not different. In this relationship between text and image, this work emerged. Thus, we will analyze how illustrations collaborate to the construction of death's representation in the book *Harvey: How I Became Invisible* written by Hervé Bouchard and Janice Nadeau (2012), emphasizing not just the very representation of death created from the narrative, but especially how images act both in the construction of texts and in the unfolding of their senses. Thus, we use as a theoretical contribution some renowned authors both in the context of children's literature, as well as the theme of death and illustration. Among them, we list Oliveira (2008), Abramovich (2008), Ramos and Nunes (2013), Paiva (2011), Lotterman (2009), and Aguiar (2010).

KEYWORDS: Death; Illustration; Children's literature.

Recebido em 30 de agosto de 2020. Aprovado em 17 de dezembro de 2020.

¹ dani.segabinazi@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3948051084706137>

² jaine.barbosa_@outlook.com - <http://lattes.cnpq.br/3644940779998407>

Há bastante tempo a temática da morte, para muitos, esteve restrita ao universo adulto. Aqueles que acreditavam nessa premissa consideravam que as crianças não estavam prontas para entender esse mistério que permeia a vida humana. No entanto, basta voltar um pouco ao passado para recordarmos que os contos que hoje consideramos infantis, tais como *Branca de Neve*, *A bela adormecida*, *Barba Azul*, não nasceram direcionados exclusivamente às crianças e, por essa razão, as cenas de morte eram comuns porque faziam parte do cotidiano daquelas pessoas.

Dessa forma, o que é visto como tabu era apenas um retrato da vida humana e de uma dada realidade social que era marcada muitas vezes pela fome, pobreza e miséria. E, por estarem inseridas nos mesmos ambientes dos adultos, as crianças não apenas presenciavam todas essas cenas da realidade, mas também ouviam junto dos mais velhos as muitas narrativas sobre as mazelas e os percalços da vida humana, tais como a morte.

Tais textos traziam, certamente, descrições e representações de morte que falavam muito sobre o contexto social ao qual as pessoas estavam expostas. Principalmente pelo fato de que “longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de história do século XVII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua” (Darnton 2014: 29), e essa realidade não excluía as cenas de morte, mas as enfatizava. A presença constante inserida nas narrativas, além de trazer retratos de uma realidade difícil, demonstrava que não há como afastar do ser humano aquilo que é inerente a sua própria natureza.

Dessa forma, vemos que a compreensão do próprio conceito de morte decorre da interação dos indivíduos para consigo e para com os outros. Isso acontece porque os textos são produtos culturais, estão inseridos em contextos sociais, políticos e culturais específicos e, por isso, carregam consigo a história do próprio povo. Dessa interação de fatores surge a vasta diversidade de representações dadas ao tema. Algumas delas, por vezes, se mostram de forma “mágico-religiosas (aquelas que a família, comunidade religiosa e cultura se encarregam de repassar), ou através dos variados saberes sobre os processos da morte e do morrer. Quanto a estes, percebe-se que, em nossa sociedade, as crianças são afastadas de situações que as façam deparar-se com a morte (Lotterman 2010: 47). Isso se dá justamente por todas as transformações que a ideia de morte sofreu na mentalidade do homem.

Decorrente delas, tem havido uma crescente mudança ao redor do mundo no que diz respeito à presença desse tema na literatura infantil, principalmente porque tem se popularizado o discurso de que a criança precisa aprender a lidar com os traumas que enfrenta ao longo da vida e eles incluem as perdas. Por essa razão, o número de obras que seguem essa vertente tem aumentado de forma significativa, justamente porque, conforme destaca Paiva:

por meio da literatura, a criança se depara com informações e com situações que envolvem sentimentos e emoções que ela pode identificar como seus, como: relações familiares, separação, crescimento pessoal, morte, entre outros. Mas

pode também entrar em contato com outros lugares, outros tempos, outras maneiras de ser e de agir, que a levam a novas descobertas. (2011: 50).

Daí vem a necessidade de apresentar a criança ao universo da literatura e dos textos que a compõem, principalmente aqueles que abordam os temas sensíveis. Assim como para os adultos a vida é repleta de percalços, dores e perdas, as crianças também enfrentam seus dilemas. Por essa razão, a literatura atua como uma mediadora entre a criança e o universo que a cerca. Por serem destinadas ao público infantil, esses livros vêm acompanhados não apenas de tramas envolventes, mas de um trabalho gráfico que conta com a presença de ilustrações que tornam as narrativas mais atrativas e significativas para os pequenos leitores.

Se a ilustração é objeto de fascínio para os adultos, inserida em uma obra destinada ao público infantil isso não poderia ser diferente, principalmente por que por meio das imagens somos atraídos à narrativa, e isso faz com que novos sentidos sobre o texto nos sejam apresentados. É por este motivo que palavra e ilustração precisam envolver o leitor fazendo com que ele encontre no texto formas de sentir-se parte dele, interagindo e exercendo o papel de leitor que produz sentidos (Ramos; Nunes 2013: 58).

Na presente pesquisa, escolhemos como *corpus* uma obra que traz em sua trama o tema da morte e trabalha essa questão associada a uma série de ilustrações que envolvem o leitor e o transporta para a narrativa. Por isso, analisamos como essas ilustrações contribuem para a construção da representação da morte na obra *Harvey, como me tornei invisível*, dos autores Hervé Bouchard e Janice Nadeau (2012), enfatizando não apenas a própria representação da morte criada a partir do texto, mas especialmente como as imagens atuam tanto na construção dos significados dele quanto nos desdobramentos de seus sentidos. Para tanto, utilizamos como aporte teórico as obras de autores como Oliveira (2008), Abramovich (2008) Ramos e Nunes (2013).

Assim como é abordada nos textos literários adultos, a morte também é um tema recorrente na literatura infantil e ele é visto sob variadas perspectivas. As histórias infantis, em sua maioria, acompanham o ser humano durante muitas fases de sua vida, ajudando-o a elaborar e compreender os diversos conflitos que surgem ao longo da trajetória e oferecendo caminhos para aprender a lidar com as dificuldades.

Quando tratam da temática da morte, isso é visto de forma ainda mais enfática, em primeiro lugar porque o assunto ainda é enxergado como algo indesejado, e depois porque as perdas ao longo da vida normalmente vêm acompanhadas de algum sofrimento em maior ou menor grau, e é por essa razão que há tantas formas de tratar o tema. Segundo Abramovich, essa abordagem “pode ser crua, dura; mas pode também ser poética, suave, tristonha; como pode ser humorada, divertida, irônica... A linguagem, o tom, o escritor escolhe conforme concebeu sua história, suas personagens, seu desenvolvimento, seu final, a partir de sua convicção ou necessidade de tocar neste ou naquele assunto” (1995: 99).

Cada uma dessas formas de representação atingem o leitor de modo específico, principalmente porque assim como há variadas maneiras de falar sobre a morte, há muitas também de vivenciá-la e por isso a importância de uma literatura que consiga abarcar a maior parte de leitores tratando de um mesmo assunto sob muitas nuances.

Dessa forma, na convicção de que a morte está presente no cotidiano de crianças e de adolescentes, de modo cada vez mais recorrente, a literatura contemporânea, com uma destacável qualidade estético-literária, tem se tornando um instrumento relevante no processo que os leitores em formação enfrentam ao lidarem com os momentos de perda e luto.

Atuando como mediadora entre a criança, o universo que a cerca e os dilemas nele presentes, muitos livros infantis têm funcionado como um dos modos de registro da experiência humana porque retratam os sentimentos mais profundos do homem através das personagens que compõem as tantas narrativas e porque “ensinam às crianças que, na vida real, é imperioso que estejamos sempre preparados para enfrentar grandes dificuldades” (Coelho 1984: 35).

Ao tratarem sobre temas sensíveis, os textos oferecem ao leitor a possibilidade de lidar com os muitos desafios que ele poderá enfrentar ao longo da vida, além auxiliá-lo na compreensão das limitações que lhes são impostas, e isso acontece porque através de algumas narrativas a criança pode passar a entender a morte como algo que faz parte do processo de viver. Sobre isso, Traça também pontua que “a ficção é natural à criança, permite-lhe projectar no plano do imaginário as suas angústias mais profundas, a sua necessidade de segurança” (1998: 103), e, por isso, os contos seriam caminhos possíveis para tratar de temas difíceis, como a morte.

É significativo mencionar, no entanto, que nesse processo de inserção do tema nos livros infantis há muitas formas de representar a morte. Algumas são mais simbólicas e metafóricas, outras são realistas, e em muitas delas, conforme pontua Aguiar: “o desencadeamento da ação é provocado pelo falecimento de uma personagem, o que gera problemas, a serem tratados no desenrolar das peripécias, isto é, toda a narrativa depende da cena de morte” (2010: 37). Normalmente, quando isso acontece, as personagens da trama são obrigadas a amadurecer suas emoções enquanto lidam com o processo de luto, ou seja, eles são forçados pelas circunstâncias a suportarem as perdas e com isso aprendem lições preciosas sobre si mesmos, a própria vida e a importância daquele que partiu.

É nesse processo que percebemos como a literatura é importante para a compreensão da alma humana, dos seus dilemas universais. Conforme pontua Silva (2009), “neste sentido, ela nos permite atingir o substrato dos indivíduos imaginários e nos ajuda a compreender melhor os indivíduos reais” (2009: 48), justamente porque pode influenciar nosso imaginário e, conseqüentemente, nossas ações diante do mundo que nos cerca.

Areladas diretamente a essas obras estão as ilustrações, que também funcionam como um elemento enriquecedor dos livros não apenas porque apresentam um ape-

lo visual que atrai a criança, mas principalmente porque contribuem para a própria construção da narrativa, uma vez que possibilitam que o leitor trace diversos caminhos de leitura que interligam entre si diferentes modos de linguagem, sejam elas verbais ou não.

Para Landes, “um dos papéis das imagens em um livro ilustrado é realçar o significado de uma história ilustrando as palavras” (1985: 52). Esse papel é fundamental na relação entre as palavras e as imagens no texto, justamente porque espera-se que através delas não haja uma repetição da história ou apenas uma inserção sem propósito significativo, mas haja complemento, sentido, interação. Além dessa questão, é preciso compreender que as próprias imagens não devem ser colocadas no texto de forma vazia, pois cada uma delas carrega em si muitos sentidos.

Sobre isso, Fittipaldi (2008: 100) pontua que toda imagem tem alguma história carregada em si para nos contar e isso faz parte de sua natureza narrativa. Para a autora, há uma relação íntima entre “o texto que conta a história, a imagem que reconta e o leitor, que de outras maneiras vai re-significar as narrativas”. Cria-se assim uma ligação indissociável entre texto-imagem-leitor, já que no contexto do livro ilustrado a existência de um está atrelada a do outro.

Nesse processo de construção de sentidos, Fittipaldi (2008) ainda destaca que, enquanto uma obra está sendo lida, são criadas ligações entre as imagens e o texto. Essas relações problematizam o texto oferecendo a ele ritmo e movimento que também são construídos pelas narrativas em processo. Sendo assim, “uma história dá origem a uma imagem; a imagem, por sua vez, dá origem a uma história, que, por sua vez, apresenta-se por meio de uma nova imagem, essa permitindo uma outra história e mais outra, alternativa que logo se transforma em outras imagens, numa cadeia sonora, verbal, textual e imagética” (Fittipaldi 2008: 103).

Essa cadeia não surge de uma pretensão da imagem de superar o texto escrito, mas da possibilidade de aderir-se a ele, colaborando de modo a ampliar os possíveis significados do texto dando mais espaço para a fruição da imaginação de seus leitores e mais prazer ao momento de leitura e do próprio uso do livro. Enquanto o texto escrito conta uma história repleta de imagens em suas linhas e entrelinhas, a ilustração o complementa e nesse processo tem-se a possibilidade de cada parte de uma imagem poder gerar diversas outras.

Nesse cruzamento, é importante compreender que toda ilustração é uma interpretação, então, quando estabelece uma relação de concordância com o texto verbal, as imagens não se restringem a simplesmente traduzir ou explicar o que está escrito, mas atribuem novos significados a ele, interpretando-o. Assim, elas podem recriar o código linguístico de modo a enriquecê-lo e complementá-lo, criando interações com ele estabelecendo relações não só estéticas, mas principalmente semânticas (Maia 2002: 23).

Todas essas relações descritas até então podem ser vistas no livro escolhido para a análise no presente trabalho. A obra une ilustração e texto escrito num emaranhado de significados que geram no leitor identificação, encantamento e reflexão não ape-

nas a respeito da morte, mas principalmente da influência que uma determinada obra pode exercer na vida e no imaginário de um leitor, esteja ele passando ou não por um momento de adversidade.

Harvey, como me tornei invisível (2012) conta a história de Harvey, um menino inteligente e esperto que perde seu pai precocemente. De forma brusca, a família Bouillon vê-se diante da morte e das dores que ela traz consigo e precisa aprender a lidar com o luto, a solidão e os muitos questionamentos que o acompanham. Por essas mesmas sensações, semelhantemente ao seu herói preferido – que desaparece aos poucos graças a uma nuvem estranha de fumaça – o pequeno narrador torna-se invisível a partir do momento em que depara-se com a imagem de seu pai morto e dentro de um caixão. Toda a obra gira em torno dessa perda e das consequências que ela traz.

O texto vem acompanhado de ilustrações cujos personagens possuem feições melancólicas que não apenas contribuem para a construção da narrativa, mas fazem, principalmente, com que o leitor seja sensibilizado e tocado pelo que lê. O livro é narrado em primeira pessoa, sob a perspectiva de Harvey, e traz a morte na visão ocidental, uma vez que os rituais vividos, tais como a visita ao velório, a forma como o corpo é velado e a relação direta que a morte exerce com a religião demonstram isso. No presente artigo, nosso principal objetivo é destacar como se dá a relação entre o texto, as ilustrações e a temática da morte, por essa razão trataremos esses três pilares da obra estudada.

Em primeira instância, percebemos a morte como um evento. Depois de um momento de brincadeira com os amigos, Harvey e seu irmão retornam para casa, mas ao aproximarem-se percebem que algo está fora do comum. O próprio menino narra: “Havia um monte de gente em frente à nossa casa. Quando vi todas aquelas pessoas, percebi que alguma coisa estava acontecendo.” (Bouchard; Nadeau 2012: 56). A ambulância no local e o silêncio dos espectadores trazem indícios de que se trata, ao menos, de um quadro de enfermidade, já que a morte de nenhum personagem havia sido anunciada até então. Nesse momento do texto a ilustração da página traz pessoas com semblantes tristes e assustados e o padre aparece vindo ao encontro das crianças.

O surgimento dele na narrativa nos mostra a relação existente entre a morte e a religião no ocidente, e essa ligação é estreita desde a idade média. Com todas as influências exercidas pela igreja, antes mesmo que alguém falecesse, um padre era convocado para fazer pelo indivíduo as preces necessárias, fossem elas para encomendar a alma da pessoa a Deus ou para auxiliá-las no processo de cura. Essa tradição, que ainda é vigente no catolicismo, é percebida no livro quando os meninos se aproximam da entrada de sua casa e é o pároco da cidade quem vem recepcioná-los com pesar. É fato que a narrativa não nos indica o momento exato em que o religioso foi chamado ou a causa da morte; apesar disso, o que vale a pena ser destacado é que, independente da circunstância, sua presença é notável na narrativa.

A imagem abaixo ilustra bem esse momento no qual as crianças encontram o padre. Em sua fala, ele é enfático sobre o fato de que os meninos precisarão de coragem

para enfrentar a situação difícil que acontece à família. Um dado relevante presente nesse e em outros trechos da obra é a presença de balões de fala. Em algumas partes da narrativa há apenas um traço e o texto que faz referência ao que as personagens dizem, em outros contamos com a presença desse elemento, seguido de um texto complementar ao seu lado e da repetição de um trecho da narrativa verbal através da ilustração. Tal construção aproxima-se bastante da técnica da ilustração presente nas Histórias em Quadrinhos, que também são direcionadas ao público infantil e juvenil. Com a junção da fala das personagens, da voz narrativa e da ilustração, temos a obra sob três perspectivas distintas que se complementam e contribuem ainda mais para a compreensão do leitor sobre o que está sendo dito e visto.

Figura 1: O padre e as crianças



Fonte: Bouchard; Nadeau 2012: 67.

A respeito dessas ações e reações diante da morte, Ariès (2012: 36) destaca que em uma sociedade passível a tantas mudanças, as atitudes tradicionais nessas circunstâncias se constituem de forma gradativa. Para o autor, a antiga atitude para com a morte – segundo a qual ela é ao mesmo tempo familiar e próxima, de um lado, e atenuada e indiferente, de outro – se contrapõe fortemente à atual, em que ela nos amedronta e causa certa inquietação. Isso acontece principalmente porque as crenças, e os “ritos funerários operam dentro de um campo semântico. Mas este campo está longe de ser o mesmo segundo as culturas, os grupos sociais e os diferentes momentos históricos de uma sociedade.” (Rodrigues 1983: 26). Ou seja, é importante

que saibamos que o modo com o qual o homem lida com a morte sofreu e sempre sofrerá alterações ao longo do tempo, uma vez que, no decorrer dos séculos, foram inúmeras as transformações tanto na forma de enxergar o corpo do morto quanto o próprio luto.

No contexto da narrativa, o religioso tenta consolar os meninos para o que eles enfrentariam e assim que essa cena é concluída uma nova surge, agora protagonizada pela mãe das crianças. Suas reações trazem à tona o sentimentalismo que perpassa o momento da morte. Nesse momento da obra vê-se a relação entre a morte e o desespero, a dramaticidade:

Ouvi o ruído de nossa porta se abrindo, e mamãe Bouillon sair gritando. Consegui me livrar das mãos do padre, virei a cabeça e então eu vi quando os dois homens da ambulância colocaram a maca no furgão. Um cobertor escondia completamente o corpo. Mamãe Bouillon estava feito louca, gritava em altos brados o nome de papai Bouillon. (Bouchard; Nadeau 2012: 68-70)

A reação da senhora Bouillon descrita por Harvey, juntamente com um corpo coberto por um lençol e uma ambulância, nos dão sinal da fatalidade: o senhor Bouillon estava morto e isso explicava o alvoroço da mãe, a visita dos curiosos e o apoio do padre: “Minha mãe se aproximou e começou a esmurrar o vidro da parte de trás do furgão. Então ouvimos a sirene. Olhei para meu irmão, depois para todo mundo” (Bouchard; Nadeau 2012: 72). O desespero demonstrado pela viúva se dá não apenas pela dor e sofrimento próprios do momento de luto, mas também está diretamente interligado ao fato de vê-se viúva e sozinha para criar dois filhos novos sendo ela também uma jovem mulher. Esse sentimento de solidão é evidenciado na Figura 5, que será melhor analisada posteriormente, quando a imagem que se tem é de uma mulher deitada em posição fetal enquanto seus dois meninos procuram pelo pai que não voltará para casa.

Além dessas questões, é relevante também mencionarmos que durante muito tempo houve, na sociedade ocidental, a necessidade de exhibir a dor do luto, de vivenciá-la, e isso é percebido no desenrolar da trama. Em um contexto social de modo geral, o historiador Rodrigues (1983), em uma de suas pesquisas sobre a relação entre a morte e a humanidade, aponta que no século XVIII, por exemplo, o desespero da separação adquiria novas proporções no ocidente, e por essa razão, comportamentos como gemer, gritar, desmaiar, querer morrer e partir com o morto eram bastante comuns e tais sentimentos eram e continuam sendo, em sua maioria, reais e acabam encontrando uma profunda justificação entre as estruturas psicológicas e sociais da época (Rodrigues 1983: 40). Dentro do contexto da obra em questão, a personagem em destaque traz marcas desse comportamento de desespero que perduram e continuarão a perdurar em nossa sociedade quando um ente querido falece. Dadas as devidas proporções, e levando em consideração o fato de que a obra se passa na contemporaneidade, vemos que o comportamento da personagem tem ligação direta com essa forma de vivenciar a morte existente há tanto tempo, uma vez que, mesmo

depois de séculos, ainda continuamos expressando a dor da perda de variadas formas, dentre elas a dramaticidade, a negação, e revolta ou o desespero.

A ilustração que acompanha esse momento do texto traz em primeiro plano a mãe debatendo-se contra a ambulância, o padre, os dois irmãos e alguns curiosos. A impressão que o leitor tem da obra é que a casa está flutuando em uma imensidão branca, as pessoas estão também inseridas nesse contexto e apenas a mãe, a ambulância e o padre parecem estar “pisando” realmente no chão, na realidade.

Figura 2: A mãe e a ambulância



Fonte: Bouchard; Nadeau 2012: 72.

Assim que o veículo sai do local, as cenas de mais expressividade na obra são apresentadas pela ilustradora. Harvey narra que a ambulância parte com seu pai dentro e sua mãe despenca nos braços do padre. Em primeiro momento, tem-se a imagem da mulher debruçada tristemente no vigário; em segunda instância, têm-se ao fundo as pessoas que estavam assistindo toda a cena desde o início do conflito apresentado na narrativa. Em primeiro plano a mulher e o padre continuam estáticos. Ele, com seus olhos murchos e tristes, e ela com seu semblante caído, vazio e silencioso.

Neste trecho da narrativa (Fig. 3), a ilustradora nos faz pensar em como funciona o processo de luto pelo qual a personagem passa. A mãe dos meninos aparece rodeada de telespectadores, mas logo em seguida todos começam a sair de cena e isso demonstra não apenas que os curiosos voltaram aos seus afazeres normais, mas principalmente que aquele que vivenciou de forma direta o luto precisará reencontrar seu caminho na solidão para enfrentar o desafio imposto pela morte. É por essa razão que as pessoas da ilustração desaparecem aos poucos e a mãe retorna à casa acompanhada do silêncio e do vazio.

Figura 3: Mãe debruçada e telespectadores



Fonte: Bouchard; Nadeau 2012: 74.

A medida que as páginas do livro são passadas o número de espectadores vai diminuindo, até que a viúva fica sozinha, ainda intacta, na mesma posição em que estava no início (Fig. 4).

Figura 4: Viúva sozinha



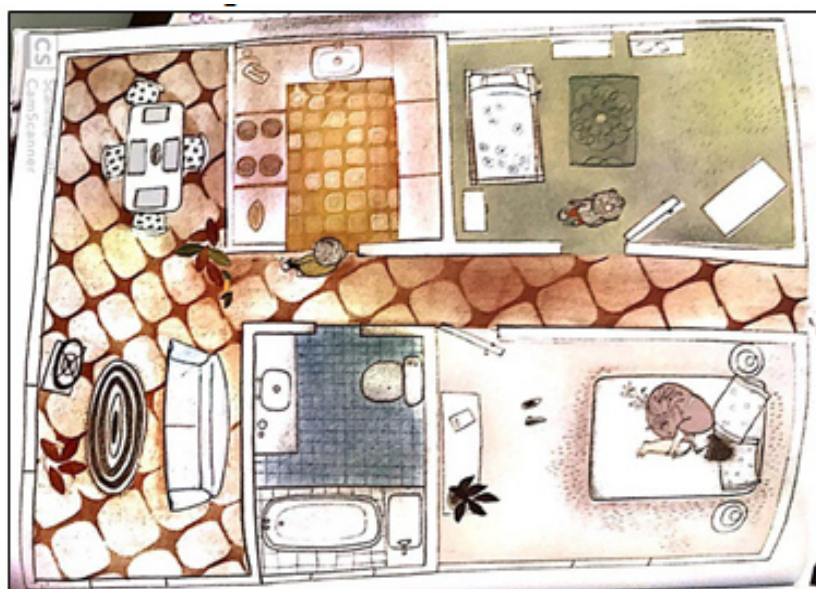
Fonte: Bouchard; Nadeau 2012: 82.

Algumas das ilustrações da obra conseguem transpor para o texto visual um verdadeiro leque de significados a respeito da morte. A página em branco nos faz pensar no vazio causado pelo luto e pelo recomeço necessário, agora sem o ente querido; o semblante triste e a postura encurvada da Sra. Bouillon remetem ao cansaço e à tristeza. Essa cena liga-se ao que Ribeiro (2008) afirma sobre as funções que uma ilustração pode ter. Para o autor, “a imagem arrebatada o espectador de imediato, um impacto que, posteriormente, pode ser compreendido e lentamente observado, tendo em vista a pluralidade de seus elementos” (Ribeiro 2008: 125).

Um novo momento é vivenciado pelos personagens assim que eles retornam para casa e dão-se conta da ausência do pai. A ilustradora transpõe esse fato para as páginas do livro de forma bastante emblemática. Segundo Fittipaldi, “as imagens visuais, com suas outras possíveis narrativas podem surgir a partir de detalhes menos óbvios da história que está sendo contada, proporcionando uma perspectiva inesperada do texto” (2008: 106). Esse detalhe é proveniente da roupa que o pai das crianças provavelmente usava: um suéter repleto de losangos. Esses losangos ocupam várias páginas do livro demonstrando que a presença do pai ainda estava muito viva, embora ele estivesse morto.

Ao contrário de Harvey, seu irmão mais novo não parece compreender que quando alguém morre não há mais o retorno dessa pessoa à convivência familiar. Tal incompreensão é percebida quando ele afirma não ter visto o pai na ambulância e por essa razão nada comprovaria que ele estivesse de fato lá. Para certificarem-se que o pai não estava realmente em casa, ambos o procuram em todos os cômodos (Fig. 5). A realidade da morte invade o lar e agora a família é composta apenas pela mãe e duas crianças que precisarão lidar com a ausência do pai.

Figura 5: Cômodos da casa



Fonte: Bouchard; Nadeau, 2012: 101.

A ilustração nos mostra o momento em que elas passam a procurar o pai dentro de casa. Todos os cômodos estão vazios, como era esperado, mas um deles atrai a atenção do leitor: o quarto do casal. Lá está a mãe em posição fetal, demonstrando o sofrimento e solidão causada pela perda. A perspectiva em que a imagem é criada, em ângulo superior, nos leva não apenas a enxergar as diferentes e simultâneas reações que cada morador da casa vivenciava, mas nos faz perceber ainda mais a ideia de vazio causada pela recente perda do pai. Nesse vazio podemos associar a visão da casa a um labirinto, onde duas crianças percorrem o ambiente a fim de localizar a figura paterna enquanto a mãe comprime-se em posição fetal numa tentativa de amenizar a dor.

Quando as crianças encontram a mãe, Harvey narra a cena que avista no quarto: “Ela sofria muito, dava para ver através de seus óculos molhados pelas lágrimas. Nós choramos com ela. Ela nos falou do ataque cardíaco de papai. E que tudo estava acabado e que no céu tudo ia bem” (Bouchard; Nadeau 2012: 97). Novamente vemos, embora que de forma simplória e rápida, uma associação ao ideal cristão de que as pessoas quando morrem vão para o céu. Nas palavras da senhora Bouillon, era lá que seu esposo estava.

Depois de algumas páginas dedicadas às cenas na casa, o dia do velório chega e com ele vêm todos os elementos comuns à situação. O corpo de Sr. Bouillon estava sendo velado em uma casa de velórios, o ambiente é descrito com muitos bancos e flores. À medida que as pessoas chegam para a visita, há uma descrição da aparência do falecido. Inicialmente a viúva destaca a palidez do marido, já o filho mais velho afirma: “Você não acha engraçado, Harvey, a testa está sem brilho, a boca repuxada, e essa magreza toda e essa roupa que não cabe nele? (Bouchard; Nadeau, 2012: 137). Devido a sua pequena altura, Harvey não conseguia ver o corpo do pai, mas, apesar disso, era possível imaginar como ele estava porque todas as pessoas que se aproximavam do caixão tinham algo a dizer:

Pelas palavras de todas aquelas pessoas que vieram ver meu pai, eu podia imaginá-lo um pouco, mas as descrições nem sempre eram muito claras. Elas o achavam pálido. Elas o achavam corado. Elas diziam que lhe deram um ar sério demais ou que o embranqueceram. Elas diziam que seu aspecto era o mesmo ou ainda que ele estava irreconhecível. (Bouchard; Nadeau 2012: 140)

Assim que Harvey traz tais afirmações, há uma série de ilustrações com todas as descrições criadas para o senhor Bouillon. Essas imagens construídas pelos parentes do falecido nos mostram as várias faces que um corpo morto pode ter e como cada um enxergou um único corpo de tantas formas, e isso apenas enfatiza o quanto cada um de nós pode ver a morte de formas diferentes, assim como pode vivenciá-la de modo particular (Fig. 6).

Figura 6: Descrições do Sr. Bouillon



Fonte: Bouchard; Nadeau 2012: 142.

O último momento ao lado do pai é chegado. O caixão seria fechado e o corpo levado em cortejo até o cemitério. O próprio Harvey reconhece como algo importante. Ele chama de grande separação, “porque depois que a pessoa está trancada lá dentro, a gente não vê nunca mais” (Bouchard; Nadeau 2012: 148). Neste momento narrativo, percebemos como as impressões que cada personagem tem do cadáver e cada comentário feito sobre a aparência do homem que não mais existiria confundem e intrigam os dois irmãos porque são imagens dispersas de um homem que não voltará mais para casa. Cantin corre para ver o pai pela última vez no momento em que o caixão é fechado. Harvey decide não fazer o mesmo e alega que guardaria como lembrança as imagens que tinha do pai e as descrições das pessoas, no entanto a principal razão para isso era o fato de não alcançar o caixão devido a sua baixa estatura. Por essa razão, ao ver a situação, um dos tios coloca o menino nos braços, e é nesse momento que o título da história se faz compreensível.

Harvey tem como herói de sua vida um astro do cinema chamado Scot Carret, o homem que se tornou minúsculo até ficar invisível graças a uma nuvem misteriosa que o alcançou em um dia de navegação com a esposa. Assim como Carret, Harvey, ao ver a imagem do pai morto, começa a ficar invisível e essa invisibilidade mostra como ele se enxergava diante da perda do pai: sozinho, minúsculo, incapaz de ser visto. O livro termina com a imagem do tio segurando a criança e nos faz refletir sobre como o menino sentiu-se ver o pai morto em um caixão. Estar invisível mostrou não apenas uma situação física de Harvey, mas principalmente emocional e psicológica, proveniente da dor da perda. Assim como perdeu o pai, Harvey passou a perder-se de si mesmo, ficando invisível aos olhos dos outros e impotente graças à dor causada pela morte súbita de alguém que amava.

A invisibilidade de Harvey é construída ao longo de cinco páginas. Em cada uma das ilustrações a imagem do garoto vai sendo clareada ao ponto de não mais ser vista. Quando Raymond, tio de Harvey, oferece-se para carregá-lo em seus braços, ele não tem coragem de recusar o convite e corre até onde o seu parente se encontrava. Ao ser pego no colo pelo tio o processo de invisibilidade se inicia (Fig. 7). É relevante destacarmos que é uma figura masculina quem dá-se conta da necessidade de Harvey de ver o seu pai pela última vez. Inevitavelmente, é o papel masculino, que está diretamente ligado à ausência do pai, que resolve a situação em questão (o fato de o garoto ser pequeno demais para conseguir alcançar o caixão sozinho). É essa atitude que corresponde ao sentido ou à importância da figura do pai no resgate dessa criança que agora encontra-se em uma situação de dificuldade e também vulnerabilidade.

Figura 7: Harvey tornando-se invisível



Fonte: Bouchard; Nadeau 2012: 161.

A literatura infantil é rica em suas muitas histórias e personagens que encantam leitores das mais variadas idades. Harvey é um exemplo disso. A história de um garotinho que se torna invisível ao perder o pai nos conta sobre a morte, a perda, o luto e a fantasia através de ilustrações que conseguem transpor das palavras para as imagens e das imagens para o texto sentidos tais que nos fazem refletir sobre a morte e suas belezas e tristezas.

É bem verdade que a sociedade continua a afastar a morte das crianças, embora essa verdade da existência humana esteja presente na vida de todos nós em alguma fase dela. Com as crianças não seria diferente, principalmente porque elas vivenciam

isso a sua própria maneira, bem como as demais perdas que sofrem durante sua trajetória, seja a de um animal de estimação, a separação dos pais ou realmente a perda de um ente querido. No livro analisado, um menino perde seu pai de forma inesperada. Provavelmente, ele saiu de casa para brincar com seus colegas na pretensão de voltar e encontrar a normalidade de seu lar, que foi abruptamente interrompida com a morte do patriarca.

No presente artigo não nos prendemos a apenas analisar a construção da representação da morte no livro, mas principalmente a relação que essa temática estabelece com as ilustrações que são inseridas ao longo do texto. Elas não apenas recontam em forma de imagem alguns dos eventos contidos na obra, mas principalmente complementam as principais ideias que a autora desejou passar ao leitor em cada parte escrita, de modo que novos significados podem ser atribuídos ao texto enquanto o leitor participa do momento de leitura. Em suma, pudemos destacar o quanto a ilustração pode ter um poder arrebatador e transformador na construção de uma narrativa, e em se tratando da temática da morte, que envolve sobremaneira os aspectos emocionais de um indivíduo, esse poder torna-se ainda maior porque leva para as páginas de um livro um assunto considerado tabu, não por ser inapropriado para jovens leitores, mas por tratar de assuntos inevitáveis à natureza humana.

Além dessa questão, a obra escolhida nos trouxe algumas das maneiras pelas quais a morte pode ser representada. A primeira de forma objetiva, crua, na qual uma família vivencia a dor da perda; e a segunda, metafórica, simbólica e poética, na situação de uma criança que, de tão arrebatada por ver seu pai em um caixão, acaba tornando-se invisível. Nesse contexto, a relação entre a ilustração e o texto verbal acontece de forma bastante intensa, uma vez que toda a obra é perpassada por imagens que não só a complementam, mas principalmente despertam os sentidos do texto ao longo da leitura.

Através da pesquisa, pudemos perceber que a abordagem dada a morte nas obras é proveniente de muitos fatores influentes, como o título de tabu dado ao tema, o possível “despreparo” que as crianças possuem e o contexto social. De modo geral, essa pesquisa comprova que é possível compreendê-lo sob as mais diversas representações, já que há muitas outras formas de ficcionalizar a morte, seja como um acessório ao texto, como mola para o desenrolar da trama, seja de modo violento e cruel, metafórico e sensível ou como motivo de reflexão.

Além disso, observamos que nesse processo de representar o tema as ilustrações são uma parte importante para a construção do texto. Primeiro porque despertam significados no leitor, depois porque elas levam à reflexão através da imagem. É por essa razão que as ilustrações, mesmo dirigindo o olhar do leitor para aquilo que foi criado, oferece a ele a possibilidade de olhar por uma fresta que foi aberta, e essa fresta permite que o leitor não apenas enxergue o verbal sob uma nova perspectiva, mas possa criar outras imagens a partir da interação com o que vê e lê.

OBRAS CITADAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2008

AGUIAR, Vera Teixeira de. A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil. Vera Teixeira de Aguiar; João Luís Ceccantini; Alice Áurea Penteado Martha, orgs. *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 23-42.

ARIÈS, P. *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Trad. Priscila Viana Siqueira. 2ª. ed. Lisboa: Teorema, 2012.

BOUCHARD, Hervé; Janice Nadeau. *Harvey: como me tornei invisível*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Quíron, 1984.

DARNTON, R. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? Ieda Oliveira. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. 123-139.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOTTERMANN, Clarice. Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira. *Anais do SILEL - Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística*. v. 1. 17 a 19 de nov. de 2009. Uberlândia: EDUFU, 2009. http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lto7_artigo_5.pdf.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. *A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

RAMOS, Flavia Brocchetto; Marília Forgearini Nunes. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 48, p. 251-263, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n48/n48a15.pdf>.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. Ieda Oliveira. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. 123-139.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

TRAÇA, Maria Emília. *O Fio da Memória – do conto popular ao conto para crianças*. 2ª. ed. Porto: Porto, 1998.